

# Saberes indígenas e Educação (matemática) Menor: modos de resistência, potências dos encontros

Palavras-Chave: Saberes Indígenas, Educação Matemática, Filosofia das Diferenças.

Autora:

Daniele Piovesan [UNICAMP]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandrina Monteiro (orientadora) [Faculdade de Educação - UNICAMP]

---

## INTRODUÇÃO:

O presente excerto aqui apresentado se refere a pesquisa **Saberes indígenas e Educação (matemática) Menor: modos de resistência, potências dos encontros** apresentada como proposta de pesquisa de IC para período 2021/2022.

A pesquisa vem sendo realizada sob orientação da Prof.a. Dr.<sup>a</sup> Alexandrina Monteiro da Faculdade de Educação e está articulada com outros trabalhos de IC, mestrado e doutorado cujo eixo central é problematizar o currículo e algumas práticas culturais de modo a provocar articulações entre diferentes saberes escolares e/ou não escolares. Trata-se de buscar e potencializar articulações entre diferentes campos do saber com o objetivo de produzir ferramentas que nos auxiliem a propor modos outros de pensar a (matemática) escolar.

Durante o período de pesquisa foram realizadas reuniões em grupo com os outros estudantes que estão realizando IC quinzenalmente e individual sempre que necessário. Durante as reuniões era debatido as leituras e atividades realizadas, que eram voltadas para organização, levantamento bibliográfico, problematização, escrita, etc.

A pesquisa aqui debatida tem como principal problematização a inserção dos estudantes indígenas que se deu pela primeira vez em 2019 na Universidade Estadual de Campinas, esses estudantes chegam na universidade encharcados pelos saberes próprios de suas culturas, saberes estes que são borrados pelos saberes que adquiriram no processo de escolarização mas que ainda os subjetivam, e os fortalecem, especialmente quando distante de seus povos como é o caso do convívio universitário. Desse modo, o objetivo nesse trabalho é realizar um mapeamento e análise de pesquisas (dissertações, teses, materiais pedagógicos produzidos pelo Estado) cujos temas envolvem práticas atravessadas por saberes (matemáticos) desses povos. Esse mapeamento visa, por um lado, subsidiar discussões sobre educação (matemática) indígena, ampliar a visibilidade dessas pesquisas e, de outro problematizar propostas pedagógicas que almejam trabalhar na fronteira, no “entre saberes” de modo a ampliar a participação de saberes “menores”, “nômades” no contexto universitário. Nesse último sentido se pretende avançar a análise dialogando com o conceito de Educação Menor (cunhada pelo Educador Silvio Gallo) e nomadismo (Gilles Deleuze e Félix Guattari).

## **METODOLOGIA:**

Considerando-se o tema e o objetivo dessa pesquisa, utilizamos como metodologia a revisão sistemática da literatura, focando o estudo na temática da educação indígena, selecionado para isso, artigos e teses e documentos oficiais que versam sobre o tema. A busca dos estudos já publicados foi realizada na base eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), e em acervos da CAPES e da UNICAMP por meio das palavras-chave selecionadas: Educação (Escolar) Indígena, educação (matemática) e Etnomatemática Indígena, Educação Menor Indígena e o Ingresso dos estudantes Indígenas nas Universidades.

Nessa primeira fase foram levantadas 20 teses e 11 artigos e selecionadas 10 dessas teses e artigos tomando como critério a especificidade desta pesquisa.

Para além da seleção de produções acadêmicas, foram incluídos livros, documentos produzidos pelo MEC e uma entrevista realizada com a Professora Alik Wunder, professora, pesquisadora da Faculdade de Educação da Unicamp e coordenadora do CAIAPI (Comissão Assessora para a Inclusão Acadêmica e Participação dos Povos Indígenas). a partir da matéria: “Unicamp registra taxa de evasão de 9,4% para alunos indígenas e estuda criar índice étnico-racial para acesso a bolsa”, publicada no jornal G1.Globo.

Além desses textos mais específicos, foram realizadas leituras sobre a Educação (Escolar) Indígena, Educação Menor, focando em textos do pesquisador Sílvio Gallo, e também foram realizados diversos levantamentos no site no INEP e COMVEST sobre o perfil dos estudantes indígenas ingressos na UNICAMP.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Através do levantamento e leituras feitas ao longo da pesquisa foi possível analisar em um primeiro encontro como a Educação Escolar Indígena é e sempre foi um instrumento de subjetivação dos mesmos e esses povos vêm lutando para uma autonomia com relação a sua educação e assim poder praticar a Educação Indígena, que tem a função primeira de transmissão de saberes das suas etnias: língua, cosmovisão de mundo, valores, etc. A educação indígena é processual. Trata-se de um processo que visa a transmissão de saberes e valores sem a escola. A escola, por sua vez, instituição ocidental e datada cuja função é disciplinar e controlar, torna-se importante instrumento mediador mas que visa a médio e longo prazo ser composta por funcionários (administração e docência) indígenas. E, desse modo, talvez garantir a presença de um professor militante, isto é, “aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente.” (Gallo, 2003, pg. 73)

Em um segundo encontro é analisado e debatido a luta dos estudantes indígenas, pretos e pardos pelas cotas étnico-raciais no ingresso nas universidades públicas do país, com enfoque na UNICAMP, além de analisar as etnias e perfis dos estudantes indígenas da UNICAMP. Neste caso, trata-se de mais de 60 etnias de diferentes cidades do Brasil, mas majoritariamente da região que se encontra a cidade de São Gabriel da Cachoeira - AM, pois essa é a cidade com mais indígenas no país, vivem lá mais de 20 povos.



Figura 1- Região de São Gabriel da Cachoeira. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/>

Nesse momento é possível analisar que essa luta por cotas vem sendo realizada há décadas e na UNICAMP foi conquistada somente em 2017 e aplicada pela primeira vez em 2019. Mesmo após a entrada dos estudantes indígenas na universidade, é possível notar uma imensa dificuldade de adaptação, pois estes chegam cheio de seus saberes (matemático), mas esses saberes na universidade novamente são subjugados e silenciados por um saber dominante do não índio, esses estudantes que chegam muita das vezes com o português como segunda língua acabam enfrentando desafios inimagináveis, como a língua, disciplinas, dificuldades financeiras, dificuldade com o novo espaço encontrado e por essa razão acaba ocorrendo a evasão de muitos desses estudantes.

## **CONCLUSÕES:**

Em suma, é notório o marco da conquista por cotas étnico-raciais na Universidade Estadual de Campinas, porém deve-se analisar as propostas de permanência desses estudantes, há o apoio do SAE, por meio de bolsas, palestras, etc. Entretanto pode-se pensar em mais propostas disciplinares que os indígenas possam trazer seus saberes enriquecendo assim a diversidade cultural dentro da universidade com os demais estudantes.

Outro fator importante seria pensar em propostas de cursos voltado para a Educação Indígena, os povos indígenas tem uma variedade linguísticas enorme, estima-se que haja 274 línguas remanescentes e é importante "que falantes de línguas minoritárias vejam suas línguas sendo utilizadas em espaços de prestígio, normalmente ocupados pelas línguas majoritárias (escolas, universidades, materiais didáticos, livros, dicionários, dentre outros)" (Neto, 2018, pg.13). Como na

UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso), foi criado o projeto 3º grau indígena, onde a universidade conta com cursos interculturais para formação de professores indígenas. É uma das diversas formas de incluir os saberes desse povo e criar cursos destinados a eles.

---

## BIBLIOGRAFIA

CIARAMELLO, R. Patrícia. **Escolarização indígena, cultura e educação.** Em: Educação, sociedade & culturas, nº41, 2014, p. 109-125. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/11m9X9-jeeM5CM7Vu8c9fbymyHiwcnTtt/view>> Acesso em: 25 janeiro 2022.

FILHO, Manuel Alves. **Em decisão histórica, Unicamp aprova cotas étnico-raciais e Vestibular Indígena.** [S. l.], 21 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/11/22/em-decisao-historica-unicamp-aprova-cotas-etnico-raciais-e-vestibular.>> Acesso em: 4 maio 2022.

Gallo, Sívio. **Deleuze & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Lei nº12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <[planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>. Acesso em: 8 de maio de 2022.

NETO, G. Maria. **Línguas em conflito em cursos de Licenciatura Intercultural Indígena.** Em: Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(57.3): 1339-1363, set./dez. 2018

PIRES, A., & da Silva Vargas, B. M. (2019). **Acesso ao ensino superior brasileiro: perfil dos ingressantes do programa de inclusão da Unicamp.** *Revista Espaço Pedagógico*, 26(1), 158-182.